

Rosarinho Cruz

Jóias que contam HISTÓRIAS

Trabalha na sua casa, no Porto, onde a inspiração lhe surge a qualquer hora. Por isso, não é estranho encontrá-la no chão da cozinha ou no terraço, a criar jóias

Texto de JOÃO PEDRO BARROS Fotografias de RICARDO CASTELO



O ATELIÊ DE ROSARINHO CRUZ é, literalmente, a sua própria casa. O apartamento no Porto, bem perto do mar, tem

um enorme terraço onde costuma estender uma manta branca. Depois, deita-se a imaginar e a desenhar as jóias que verão a luz do dia numa oficina da sua confiança. Há um pequeno quarto que a *designer* usa como ateliê principal – também lhe podemos chamar base operacional –, sempre com a companhia inseparável de uma caixa de madeira, cheia de lápis de cor e dos outros instrumentos com que realiza os seus desenhos. A divisão é demasiado pequena para a sua imaginação e, por vezes, Rosarinho dá por si sentada no chão da cozinha, a pintar aguarelas – a sua outra paixão –, o que propicia algumas confusões: «No outro dia, mexi o arroz com um pincel. Quando vi que estava a ficar azul apercebi-me de que algo estava errado». Ainda assim, a *designer*, de 50 anos, sente que a sua criatividade está concen-



trada naquela casa: «Adoro o sítio e a luz, estou perto da família e dos filhos. Antes de vir para aqui vivi na Granja [praia em Vila Nova de Gaia] e não vou trabalhar sem ver o mar». A inspiração costuma chegar-lhe às horas mais imprevistas: «Acordo a criar, deito-me a criar. Às vezes, de noite, acordo a lembrar-me de uma ideia», revela.

A conjugação do local de residência com o atelié pode parecer confusa, mas Rosarinho Cruz habituou-se, durante anos, a uma vivência muito pouco convencional. A *designer* de jóias é filha do aguarelista António Cruz, imortalizado no documentário *O Pintor e a Cidade* (1956), de Manoel de Oliveira, e podia pintar nas paredes sem ouvir reprimendas. «Só vivi numa casa propriamente dita, com portas, janelas, sala de jantar e quartos, quando os meus pais se separaram. A nossa casa era um espaço amplo, onde poucas coisas tinham porta, com aguarelas, pedra, cal, carvão, barro e gesso espalhados por todo o

lado. Não sei como a minha mãe conseguiu criar os filhos», recorda. Quando se iniciou na bijutaria, ainda pequena, nunca fez colares com massas e missangas: «Usava arame, chapa, parafusos e porcas que ia buscar à Rua do Almada. Era tão pequena que nem conseguia chegar ao balcão». Nessa época, o pai leccionava na Escola de Artes Decorativas de Soares dos Reis e levava-a consigo, deixando-a livre para saltar de sala

'A NOSSA CASA ERA UM ESPAÇO AMPLO, COM AGUARELAS, CAL, CARVÃO, BARRO E GESSO POR TODO O LADO'

Rosarinho Cruz organizando o seu espaço de trabalho. À esq.: no terraço de sua casa, a desenhar. Ao centro: os utensílios que usa para dar forma às criações

em sala. Os mestres dos metais tornaram-se a sua companhia favorita.

Do papel para a oficina

Rosarinho Cruz também acompanha a feitura das jóias na oficina, de acordo com os seus desenhos e indicações escritas. Licenciada em Antropologia, a criadora pós-graduou-se em Design de Joalheria e encontra-se a finalizar um mestrado na mesma área, na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Estas formações obrigaram-na a meter a mão na massa, algo que lhe é particularmente penoso: «Não sei como é possível chegar a uma oficina e criar no momento. Detesto mexer em limas, fogo e serras, mas aprendi a fazê-lo». A primeira visualização das peças limpas e polidas é sempre um momento emocionante: «Quando vou →


Jóias e aguarelas, dois mundos que a artista funde. Em baixo: o quarto de sua casa que usa como 'base operacional'



buscá-las, não consigo arrancar o carro. As jóias vêm num envelope fechado e abro-o logo à porta da oficina. Sozinha em casa, dou por mim a dizer que estão lindas de morrer. Fico muito feliz, acaricio-as e custa-me imenso vendê-las e entregá-las, porque não quero que uma peça vá para uma pessoa qualquer. Mas claro que as tenho de vender, porque preciso disso para sobreviver».

A paixão da portuense reflecte-se no cuidado que põe nas suas criações, através das quais pretende contar histórias: «Quando me fazem uma encomenda, quero logo saber quem é, a idade, o que faz e aquilo de que gosta. Associo o perfil psicológico à peça e por isso é que toda a gente diz que as minhas jóias são a sua cara». Por cada peça que faz, Rosarinho Cruz constrói uma espécie de memória

descritiva em forma de história. O trabalho mais apaixonante que já fez teve como destinatária uma amiga que comemorava o 60.º aniversário. «O marido disse-me para criar à vontade e imaginei um colar de heras, porque a forma como se entrelaça tem muito a ver com a vida,

que não é rectilínea. A história da vida dela era toda contada por trás, em pormenores mínimas: estava lá o berço onde nasceu em ouro, o nome dos irmãos, o pai e a mãe de mão dada, os filhos, até um retrato, porque ela gosta de jardinagem. 'Fiz um colar com um seis e um zero, em tons de verde e de ouro. Adorava que me encontrassem mais histórias de vida em jóias. 'Porque até agora só tive esta». Nas suas criações, Rosarinho Cruz usa ouro e pedras preciosas, quase nunca prata: «Detesto cinza. O cinzento é a cor do Inverno, que detesto. Faço se me pedirem muito, mas é um sacrifício». Algumas das suas jóias podem ser vistas em www.rosarinhocruz.co, estão à venda na Leitão & Irmão, em Lisboa, e na Elements Contemporary Jewellery, no Porto. 

NÃO GOSTA DE FAZER PEÇAS EM PRATA: 'CINZENTO É A COR DO INVERNO, QUE DETESTO'

